Wilhelm Dilthey e a atualidade da historicidade

Raphael Guilherme de Carvalho

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas.* Tradução Marcos Casanova. São Paulo: Editora Unesp, 2010, 346 p. (Clássicos UNESP)

De Wilhelm Dilthey (1833-1911) já se disse que foi o maior filósofo do século XIX. Ortega y Gasset, no seu *Aurora de la "razón histórica*", apresentava a novidade de Dilthey: "[...] Dilthey, o maior pensador que teve a segunda metade do século XIX, fez a descoberta de uma nova realidade: a vida humana".[i] Ao positivismo, Dilthey opôs a "filosofia da vida" (*Lebenphilosophie*). *Grosso modo*, a filosofia da vida de Dilthey, baseada na experiência vivida, explica os critérios distintivos entre ciências naturais e ciências do espírito (*geisteswissenschaften*), bem como as condições de possibilidade e validade destas. Extensão da crítica kantiana, procura ainda assim superar o transcendentalismo de Kant ao propor uma "crítica da razão histórica" (em oposição à razão "pura"). Com Dilthey a filosofia passa a se dobrar à historicidade (*Geschichitlichkeit*) do homem (como ser histórico) e do saber (como relatividade consequente). A hermenêutica, antes restrita a áreas mais específicas, como a exegese bíblica e a teologia, a filologia ou o campo jurídico, expande-se e generaliza-se na direção de todos os estudos humanísticos, incluindo a psicologia, a arte e a história. Isso se deve ao esforço do autor em fundamentar as ciências do espírito em total autonomia em relação às ciências naturais.

Para Dilthey, a explicação (*Eklärung*) é operação específica das ciências naturais, enquanto o procedimento básico das ciências humanas é a compreensão (*Verstehen*) das manifestações da vida. A compreensão é colocada, então, na base do fundamento do método histórico, no tempo em que a história constituía-se como campo autônomo do saber.

A obra de Dilthey, embora a grandiosidade das suas intenções anunciadas, apresenta um caráter de incompletude e fragmentação. Duas de suas maiores obras haviam ficado inconclusas: *Vida de Schleiermacher* (1870) e *Introdução às ciências humanas* (1883). Não é diferente o caso desta recente tradução pela Editora UNESP de *A construção do mundo histórico nas ciências humanas* (2010), inédito até então no Brasil. O texto principal, que dá título ao livro, é uma obra inacabada, mas vem acompanhado de dois outros trabalhos: "Plano de prosseguimento para a construção do mundo histórico nas ciências humanas: esboços para a crítica da razão histórica" e "Adendos". Essa ausência de ponto final não seria intrínseca à sua filosofia hermenêutica, que, de acordo com o ritmo da vida, altera a perspectiva em cada mudança de horizontes?

A construção do mundo histórico nas ciências humanas é organizado em três partes: "Delimitação das ciências humanas", "A diversidade da construção nas ciências naturais e nas ciências humanas", "Princípios gerais sobre a conexão entre as ciências humanas". História, ciências econômicas e jurídicas, estudos da

religião, filologia, arte, literatura e poesia, arquitetura e música, psicologia, sistemas filosóficos: "todas essas ciências descrevem, narram, julgam e formam conceitos e teorias em relação ao mesmo grande fato: a espécie humana".[ii] O que determina, para Dilthey, esse grupo de ciências é que se referem sempre ao mesmo fato, a humanidade ou o mundo histórico (humano/social): "e assim surge a possibilidade de determinar este grupo de ciências por meio de sua relação em comum, a relação com a humanidade, e delimitá-la ante as ciências naturais".[iii] A fórmula hermenêutica de Dilthey, baseada em uma relação sistemática entre experiência (vida), expressão e compreensão, é o procedimento por meio do qual "humanidade" existe como objeto das ciências humanas.

Na segunda parte, Dilthey dedica-se a uma extensa "orientação histórica" do desenvolvimento das ciências naturais e humanas entre os séculos XVII e XIX. Sobre as ciências naturais diz fundamentalmente o autor que a possibilidade de uma análise da natureza funda-se nas regularidades de sequências ou ligações entre fenômenos sensíveis particulares e simultâneos: "na medida em que são atribuídos a essas regularidades suportes inalteráveis, próprios ao acontecimento, elas são remetidas a uma ordem segundo leis no interior da multiplicidade pensada das coisas".[iv]

Sobre as ciências humanas, à qual ele se dedica com maior amplitude e intensidade, sua intenção em arrolar o desenvolvimento histórico é dizer que "se realizou em todo esse transcurso o despontar da consciência histórica, a qual abarca todos os fenômenos do mundo espiritual como produtos do desenvolvimento histórico".[v] O referido transcurso inicia-se nas Luzes, passa pelo romantismo até a escola histórica. O século XVIII iluminista, que situou toda pesquisa histórica particular sob o ponto de vista universal, prepara a autonomia das ciências humanas que seria conquistada plenamente no século XIX, "a grande época". Herder (1744-1803) tem papel destacado nesse processo ao desviar a ideia de progresso e finalidade racionalmente determinável, como a comunidade da paz de Kant, para o "reconhecimento do valor autônomo que toda nação e toda época dessa nação concretizam".[vi] A etapa seguinte, representada pela escola histórica, de onde fala Dilthey ("nós ainda nos encontramos em meio à solução dessa tarefa"), caracteriza a nova teoria da história. A partir de 1920, surgiram os primeiros escritos de teoria da história, com Humboldt (e o conceito de ideias na história, em 1820), Gervinus (e a manifestação da providência na história, em 1837) e Droysen (e a primeira aplicação da hermenêutica à metodologia da história, em 1868). Dilthey atribui à teoria da história nascente a seguinte qualidade:

> Na medida em que reconhece sem restrição a relatividade de tudo aquilo que é dado humana e historicamente, ela tem a tarefa de conquistar, a partir da matéria daquilo que é dado, um saber objetivo sobre a realidade espiritual e sobre o nexo de suas partes.[vii]

O trabalho de fundamentação das ciências humanas é o tema da terceira parte. Dilthey discerne três tarefas necessárias para tal fundamentação. A primeira é a estrutura lógica universal das ciências humanas, ou seja, a definição das conexões entre elas; a segunda é relativa ao método, ou seja, de que forma o mundo espiritual é construído por meio de cada um de seus domínios e como essa construção se realiza por meio da interpenetração de suas realizações; a terceira, por fim, questiona o valor cognitivo das realizações e a possibilidade de saber

objetivo em termos de ciências humanas.[viii] Deste percurso, gostaria de destacar a definição de "mundo histórico" proposta por Dilthey. Ele se erige a partir das conexões de efeito imanentes às vivências individuais. No processamento de interações individuais há um sentido, uma teleologia decorrente das vivências. O mundo histórico como um todo é a conexão destes efeitos individuais, que resulta nos sistemas culturais e no movimento histórico das épocas e das nações. Ele cria valores e finalidades:

> O mundo histórico como um todo, esse todo como uma conexão de efeitos, essa conexão de efeitos como dotadora de valores, estabelecedora de fins, em suma, criadora; em seguida, a compreensão dessa totalidade a partir desse mundo mesmo; e, por fim, a centralização dos valores e fins nas eras, nas épocas, na história universal [...]. [ix]

Mais ou menos recentemente tem-se verificado um interesse pelos teóricos da história e historiadores do século XIX. Diante da crise no horizonte de expectativas do final do século passado, é sintomático que os historiadores estejam voltados para trás na busca de referências para orientar o desenvolvimento da disciplina. Há, nessa busca, uma renovada atenção à historicidade, problema levantado por Dilthey no século XIX. O historicismo não é (ou não deveria ser) mais perseguido como "pecado". François Dosse, por exemplo, autor de biografias de personagens intelectuais, inspira-se em Dilthey, que considerava a biografia um meio de acesso privilegiado ao universal e enfatizava a empatia no processo de conhecimento das ciências do espírito.[x]

Evidentemente, há um fosso que separa o contexto de Dilthey de nossa época atual. Convém lembrar que Heidegger e Gadamer teceram críticas ao trabalho de Dilthey e a hermenêutica avançou em outras direções depois dele. Boa parte de suas ideias causa estranhamento e respiram em atmosfera de inatualidade. Mas, como em Droysen e o seu mundo ético ("o mundo ético é o mundo da história"),[xi] Dilthey também propõe um critério de humanidade. Isso não é tão impertinente em tempos de globalização e história global. É como se os tempos atuais ouvissem um eco longínquo, vindo do "século da história": "é com base em uma história objetiva que resulta, então, o problema sobre se e em que medida a predição do futuro e a organização da nossa vida segundo metas comuns da humanidade são possíveis".[xii]

---

[i] ORTEGA Y GASSET, Jose. Aurora de la 'razón histórica'. In: *La razón histórica*. Alianza editorial, Madrid, 1996, p. 233.
[ii] DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Tradução Marcos Casanova. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 20.
[iii] *Idem*, p. 21.
[iv] *Idem*, p. 34.
[v] *Idem*, p. 54.
[vi] *Idem*, p. 40.
[vii] *Idem*, p. 68.
[viii] *Idem*, p. 65.
[ix] *Idem*, p. 121.
[x] DOSSE, F. *O desafio biográfico*: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009, p. 430.
[xi] DROYSEN, J. G. *Manual de teoria da história*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 42.
[xii] DILTHEY, W. *Idem*, p. 121.